

IDENTIDADE FEMININA E DE RAÇA: ELEMENTOS PARA UMA RE (LEITURA) A PARTIR DA OBRA *PÉROLA NEGRA* DE TONI MORRISON

Glacilda Nunes Cordeiro Santos¹
Sebastiao Alves Teixeira Lopes²

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre questões de identidade feminina e de raça através da obra *Pérola Negra* (1987) da escritora estadunidense Toni Morrison. Enquanto uma releitura da peça *The Tempest* de William Shakespeare (produzida entre 1610 e 1611), *Pérola Negra* nos permite estabelecer um diálogo entre literatura pós-colonial, ou mesmo literatura de minorias, com questões sociais e raciais que envolvem especialmente as mulheres negras. À luz dos estudos Culturais e Decoloniais, objetiva-se abordar a forma com que a autora opera categorias como “mulheres” e “raça” na construção da personagem Jadine Childs, e critica o imaginário social em torno de mulheres negras. Mesmo após a identificação da existência de outros femininos, como o feminismo negro, a partir dos anos 1960/1970, e do movimento antiracista, é preciso problematizar a ideia unívoca em torno da “mulher negra”, pontuando as diferenças e contradições no tempo e no espaço em que corpos femininos de cor existem ou existiram. Nesse sentido, em uma perspectiva interseccional e com o suporte de autores como Gonzalez (1980), Hall (2002; 2003), Spivak (2010), Collins (2017; 2019), hooks (2017), Davis (2017) e Akotirene (2018), argumenta-se que as identidades femininas e de raça, das mulheres negras, são múltiplas e plurais, ainda que resultantes dos efeitos identitários do processos de colonização e de escravização, que imprimiram-nas características homogeneizantes.

Palavras-chaves: *Pérola Negra*. Identidade. Mulher. Raça.

INTRODUÇÃO

O imaginário social acerca da mulher negra e sua atuação na sociedade, tem fomentado importantes debates frente às desigualdades sociais as quais são submetidas, principalmente quando consideramos a herança escravagista e a ideia de que “nasceram para servir” (XAVIER, 2019, p. 89). Nesse contexto de problematização, a proposta de releitura da peça *The Tempest* de William Shakespeare (produzida entre 1610 e 1611),

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí. Mestre em Letras na área de Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do ANGLOLIT (Grupo de estudos em língua inglesa e literatura anglófonas vinculado ao CNPq) desde 2018. E-mail: glacilda.nunes@ifpi.edu.br.

² Doutor em Literatura (Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana) pela Universidade de São Paulo (2002). Pós-Doutor pela Universidade de Londres/School of Oriental and African Studies, Inglaterra (2014), e pela Universidade de Winnipeg, Canadá (2007). E-mail: slopes10@uol.com.br.

elaborada por Toni Morrison³ em *Pérola Negra*, é exemplar.

O livro, traduzido em 1987 do original *Tar Baby*, publicado em 1981, consiste em um romance que descreve o caso de amor entre Jadine e Son, dois negros americanos que vivem em mundos muito diferentes. No enredo, Jadine é uma linda modelo negra de olhos verdes que se graduou em Sorbonne, em Paris, e tem uma vida luxuosa custeada pela família Streets, brancos que empregam sua tia e o seu tio, os Childs, como empregados domésticos. Após se tornar órfã na infância, Jadine é criada por seus tios negros, mas tem como tutor Valerian Streets, um aristocrata branco, o que a afasta da sua ancestralidade puramente negra, ao ser enquadrada no estilo de vida moderno. Ao seu tempo, Son é um homem negro sensível e profundamente ligado a sua ancestralidade negra. (AVERY, 2014)

A escritora estadunidense, reconhecida no Brasil e internacionalmente por romances como *The Bluest Eye* (1970) – O Olho Mais Azul (2003); *Song of Solomon* (1977) – A Canção de Solomon (1977); *Tar Baby* (1981) – Pérola Negra (1987); *Beloved* (1987) – Amada (1987/2007); *Jazz* (1992) – Jazz (1992/2009); *Paradise* (1998) – Paraíso (1998); *Love* (2003) – Amor (2005), *A Mercy* (2008) – Compaixão (2009), etc., bem como pela rica produção de literatura infantil e contribuições à crítica literária (SILVA; SILVA 2011), faz parte do grupo de autores afro-americanos que, mesmo quando revisam textos da tradição ocidental, o fazem de “forma autêntica”, com fundamentos na diferença negra, como infere o renomado intelectual afro-americano Henry Louis Gates (1988, p. 22).

Além disso, Toni Morrison foi a primeira mulher negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, em 1993, resultantes do senso persuasivo da sua produção, reconhecido pelos críticos, e das traduções de suas obras em diversas línguas como o português, o francês e o alemão. Mas sobretudo, pelas críticas que faz à sociedade e as imagens da mulher negra, que costuma ser apresentada como uma ancestral, guardiã da memória coletiva, com habilidades específicas como parteira, conhecedora de ervas medicinais, e que se encontra duplamente oprimida, pelo gênero e pela raça, configurando-se como o

³ A escritora nasceu em Lorain, Ohio, no ano de 1931, e é considerada um dos maiores expoentes contemporâneos da *African American Literature* (literatura afro-americana), que se refere a literatura elaborada por estadunidenses de descendência africana, cujas origens remontam à segunda metade do século XVIII. Para mais informações como essas ver: GATES, Henry L. *The signifying monkey: A theory of African-American literary criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1988; William L. Andrews (Encyclopaedia Britannica). Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/926640/African-American-literature>.

lócus principal de opressões cruzadas (AKOTIRENE, 2018).

Em se tratando do livro *Pérola Negra*, as questões de raça e gênero são aliadas às de classe, demonstrando uma maturidade reflexiva por parte da autora, como sugere Dorothea Drummond Mbalia. De acordo com esta última, o aumento da consciência de Morrison se reflete na “[...] ênfase temática do seu quarto trabalho” (MBALIA, 2010, p. 70), onde se compromete a explorar a relação de causa e efeito entre classe, raça e gênero, que não havia feito em trabalhos anteriores. Para Dorothea Drummond Mbalia,

Em *The Bluest Eye*, a literária discute o racismo como uma causa co-igual, mas consequente da exploração de classe. Em *Sula*, a luta entre os sexos, tendo é “resolvida” em *Song of Solomon*, recebe pouco, pois Morrison amadureceu o suficiente para entender que a causa fundamental da opressão africana é o sistema econômico explorador do capitalismo e sua extensão no exterior, imperialismo. Assim, racismo e sexismo, embora igualmente opressores, são tratados como subprodutos do capitalismo. Erradicar o último garante a erradicação dos dois primeiros. (MBALIA, 2010, p. 70, tradução nossa)⁴

Alia-se a essa percepção, o fato de ser uma releitura de uma peça Shakesperiana do século XVII, encenada entre os anos de 1610 e 1611⁵, na qual o bardo inglês constrói o personagem Próspero como um reflexo do “Pai Ocidental” (Inglaterra) no contexto de

⁴ Versão original extraído do livro *Toni Morrison's developing class consciousness*, pág. 70: “CLASS STRUGGLE, THE STRUGGLE BETWEEN THE RULING CLASS AND the subject class, is the thematic emphasis of Toni Morrison's fourth work, *Tar Baby*. Racism, the primary focus of *The Bluest Eye*, is discussed as a coequal but consequential cause of the African's class exploitation. The struggle between the sexes, having been explored in *Sula* and resolved in *Song of Solomon*, gets little of the author's attention, for Morrison has sufficiently matured to understand that the fundamental cause of the African's oppression is the exploitive economic system of capitalism and its overseas extension, imperialism. Thus, racism and sexism, although equally oppressive, are treated as by-products of capitalism. To eradicate the latter ensures the eradication of the former two. In *Tar Baby*, Morrison's increased consciousness is reflected in her ability and commitment to explore this cause-and-effect relationship between class, race, and sex.”

⁵ De acordo com Rafael Raffaeli, *The Tempest* é a peça com a qual se inicia o denominado Primeiro Fólio das obras de William Shakespeare (Mr. William Shakespeares Comedies Histories, & Tragedies), editado por John Heminge e Henry Condell em 1623. Ela é considerada a sua última produção solo, antes da colaboração com John Fletcher. Shakespeare teria se retratado na figura de Próspero, e segundo muitos comentadores, ela significou o apogeu da carreira do dramaturgo. De acordo com os Relatos de Festividades (Revels Accounts) da corte, a peça foi apresentada pela primeira vez no dia 1 de novembro de 1611 para o rei James I no palácio de Whitehall (Banqueting House), em Londres, e, cerca de um ano e meio depois, reapresentada no casamento da princesa Elizabeth Stuart, filha de James I, com Frederick V, no mesmo local. “Em linhas gerais, a peça conta a história de Próspero, Duque de Milão e mago, exilado há doze anos numa ilha, que através de artifícios mágicos fomenta uma tempestade e faz com que o navio no qual viajam seus inimigos naufrague. O auxiliar de Próspero nessa tarefa é Ariel, um espírito aéreo, que comanda os demais espíritos elementares. Também habitam a ilha, a filha de Próspero, Miranda, e Caliban, um ser exótico e nativo do local, filho da finada bruxa Sycorax e escravizado por Próspero. Os naufragos ficam dispersos pela ilha e sofrem diferentes destinos. Esse enredo, aparentemente desconexo, não foi elaborado segundo a ideia da unidade da ação do teatro clássico, mas conforme o emprego de analogias, nas quais os naipes de personagens simulam o tema essencial do confronto pelo poder.” (RAFFAELLI, 2014, p.7-8)

colonização na América do Norte, e revela as tensas relações entre colonizador e colonizado. Em *Pérola Negra*, Morrison constrói a identidade da personagem afro-descendente Jadine Childs como resultado de um intercâmbio entre negros e brancos. Jadine se identifica com valores da sua cultura interna, quando se reconhece uma mulher negra, mas mantém fortes relações com os brancos, o que é a causa do desconforto que sente quando se encontra, em várias passagens do livro, isolada num dos grupos.

Tal releitura se coloca como uma ruptura das convenções estabelecidas pelo modelo patriarcal, como bem pontua Houston Baker no conceito de “*deformation of mastery*”⁶, quando Toni Morrison provoca e tenta subverter a linguagem, “deformando” a forma dominante. Ainda que essa ruptura não seja realizada de forma radical e totalmente avessa à cultura do colonizador – representante da dominação patriarcal, como é possível apreender na trajetória de Jadine. Dividida entre a vida ocidental e a vida mística da terra (ancestral), a personagem é confrontada diretamente às questões de raça, gênero e classe, especialmente após a chegada do Son e do relacionamento amoroso que os dois mantêm.

Segundo Beaulieu (2003), o romance representa a desigualdade colonial como sistema histórico de preconceito racial. Sendo assim, formam o principal tema do nosso estudo a análise da construção da personagem Jadine Childs, e as relações a cerca da identidade feminina negra na obra *Pérola Negra* de Toni Morrison.

Jadine Childs: mulher negra interseccional

Conforme abordamos anteriormente, em *Pérola Negra*, Toni Morrison retrata Jadine Childs como uma mulher negra afro-descendente que tem apreço por valores culturais externos a sua cultura de origem, assimilando, em certa medida, a identidade do outro (colonizador). Porém, Jadine também não deixa de considerar os valores internos que lhes são referência (colonizado), o que permite que intermedie diálogos entre os brancos Streets e os negros Childs.

⁶ Ao tratar da Renascença de Harlem, considerado o primeiro período de florescimento literário e artístico afro-americano, no livro *Modernism and the Harlem Renaissance*, Houston Baker entende que falar de um modernismo afro-americano só tem sentido se se valorizar a auto-consciência e a autonomia do escritor no contexto do “constrangimento da máscara” imposta pelo sistema opressor. Baker identifica essa estratégia na escrita afro-americana e a denomina de “*mastery of form*”. No entanto, ela só está completa quando há o arrancar da máscara, que seria o “*deformation of mastery*”. (BAKER, 1987).

Jadine Childs, uma das principais personagens do romance, é uma órfã que foi criada por seu tio Sydney e sua tia Ondine Childs, que trabalham como mordomo e cozinheira, respectivamente, para Valerian Street. Modelo e estudante de História da Arte em Soborne, Jadine é a imagem de mulher negra de Toni Morrison. Ela está mais ligada a ela mesma, do que a sua comunidade ou seu passado.

Ao destacar a experiência da personagem Jadine, o romance *Pérola Negra* acentua o quão difícil é enfrentar os arranjos coloniais. Um traço significativo aparece quando o branco é sinônimo de belo, e o bom é estar identificado com o "conquistador", já que o processo de colonização implantado pelo europeu o colocou como o modelo de ser humano. Nas palavras da personagem Jadine, “[...] Não conseguira entender por que aquele insulto da africana mexera tanto com seus nervos. [...] [...] Aquela cena tiraria todo o entusiasmo por haver conseguido ser capa da Elle e formar-se na universidade em Paris.” (1987, p. 58)

No entanto, a atitude de mediação intercultural de Jadine evidencia a possibilidade de superação das posturas extremas, sejam as nacionalistas (avessão a cultura externa), sejam as de caráter assimilacionista (assimilação completa à cultura externa) (MARTINS, 2007). Nesse caso, o que Morrison faz em *Pérola negra* é levantar a questão de que todos os africanos devem se perguntar: “*Eu me identifico com meu opressor ou meu povo?*” (MBALIA, 2010, p. 71)

Quando a autora pensa uma personagem que faz dialogar as culturas de matrizes européia e africana (GATES, 1988), representadas nas duas famílias, os Streets e os Childs, respectivamente, demonstra que as “profundas divisões e diferenças internas”, segundo Hall (2002), se interpelam no seio de uma mesma comunidade. Nesse caso, os personagens afro-americanos da obra de Toni Morrison, e as suas diferenças identitárias são o aspecto mais característico da comunidade.

Para tanto, o respeito às diferenças precisam ser a tônica, pois o que marca uma comunidade cultural – seja local, ou nacional – não é uma lista de igualdades, mas, ao contrário, um conjunto de diferenças. Por isso, seguimos a racionalidade de Hall quando recomenda que “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, devêssemos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2002, p. 62). Outrossim, o trabalho de mediação que Jadine realiza é possível pelo apreço que tem pelos tios Childs – Sydney e Ondine – e pelos protetores Streets – Valerian e Margaret. Para ela os brancos “[...] eram descentes,

e aquela casa, cheia de gente decente respirando o ar puro da ilha, era exatamente onde ela desejava estar naquele momento,” (MORRISON, 1987, p. 84).

Para além das reflexões sobre questões raciais, a trajetória de Jadine nos permite pensar sobre o próprio movimento de mulheres afro-americanas que ocorreu nos anos de 1960 e 1970, e que ganhou força nos anos 2000, especialmente após a conferência contra o *Racismo, discriminação, xenofobia e formas conexas de intolerância* em Durban, na África em 2001. Após o referido evento, o termo interseccionalidade, por exemplo, popularizou-se academicamente, “passando do significado originalmente proposto, aos perigos do esvaziamento.” (AKOTIRENE, 2018, p. 21)

Esses movimentos podem ser vistos como o ponto de partida para a consolidação de dois aparatos teóricos importantes para se pensar a subjetividade da mulher negra latino-americana: a interseccionalidade e a formação do feminismo decolonial⁷. No que se refere à vertente do feminismo decolonial antirracista latino-americano, podemos dizer que se trata de um movimento teórico-metodológico com posições políticas contra a hegemonia ocidental e a colonização epistêmica, a partir das contribuições de Yuderkys Espinosa Miñoso (2012) e María Lugones (2008 e 2014).

Para essas autoras, o feminismo decolonial⁸ problematiza e revisita as teorias feministas frente às suas características enquanto ocidental, branca e colonizadora, sobretudo as desenvolvidas no Norte Global, e propõe-se a visibilizar e expandir as produções de mulheres que, metodologicamente, rompem contra o discurso superior do monopólio epistêmico. O feminismo decolonial surge assim, no bojo da discussão trazida pelo feminismo negro estadunidense a respeito da invisibilidade das demandas das mulheres negras na luta pela igualdade de direitos.

A abordagem interseccional emerge no centro das reivindicações dos

⁷ Yuderkys Espinosa Miñoso (2016); Ochy Curiel (2015); María Lugones (2008); Patricia Hill Collins (2019); Angela Davis (2017; 2016), bell hooks (2000; 2015; 2019); Lélia Gonzalez (1984; 2020) e Sueli Carneiro (2003; 2011), formam a base teórica fundamental para os estudos de mulheres negras, mexicanas, latinas, indígenas, bem como a visibilização de seus saberes. Além disso, estes estudos contribuem para a autodefinição do lugar da mulher negra frente às opressões sociais e a exclusão na sociedade.

⁸ Yuderkys Espinosa Miñoso define que o “feminismo decolonial recolhe, revisa e dialoga com o pensamento e as produções que desenvolveram pensadoras, intelectuais, ativistas e lutadoras, feministas ou não, de descendência africana, indígena, mestiça popular, camponesa, imigrantes racializadas, assim como acadêmicas brancas comprometidas com a subalternidade em *Abya Yala* e no mundo” (ESPINOSA, 2012, p. 151). O termo *Abya Yala* significa “Terra madura” “Terra em Florescimento” ou “Terra Viva” na língua do povo Kuna. O uso de *Abya Yala* por feministas decoloniais atribui uma autodesignação dos povos originários, saberes e especificidades de mulheres pertencentes ao sul global, contrapondo o termo “América” e suas heranças colonizadoras.

movimentos sociais, interagindo com as propostas políticas feministas negras nos anos de 1960 e 1970 (COLLINS, 2017), e contribui como base teórica para os estudos das relações de opressão e dominação. Fortemente defendido por pesquisadoras e ativistas negras estadunidenses tais como Angela Davis (1981), Patricia Hill Collins (2019), bell hooks (1984) e Audre Lorde (2019), a interseccionalidade é basilar para compreender e questionar as experiências de mulheres negras na sociedade de forma plena. Embora essas autoras não utilizassem o termo interseccionalidade na época, seus estudos pautavam-se nas relações de opressão, utilizando termos como “intersecções”, “interações” e “interconexões” de gênero, raça, classe e orientação sexual.

Ignoradas como representantes das mulheres, por causa da predominância do feminismo liberal branco, e ignoradas como representantes das pessoas negras, pela predominância do ativismo negro masculino, as feministas negras cunharam o termo interseccionalidade para destacar a especificidade da dupla opressão à qual estão submetidas: a racial e a de gênero. Assim, sob o olhar da interseccionalidade, entendido como instrumento teórico-metodológico que permite identificar e analisar os diversos marcadores sociais como raça, classe, gênero, deficiência, xenofobia, orientação sexual e suas intersecções reforçadas quando se cruzam nas vivências de grupos específicos e minoritários, temos a possibilidade de compreender as especificidades presentes em trajetórias de vida e dos personagens de obras literárias.

No cenário brasileiro, pesquisadoras negras são figuras centrais para a consolidação do feminismo negro, como é o caso de Lélia Gonzalez. Socióloga, intelectual e ativista negra, Lélia Gonzalez desempenhou papel ímpar nos estudos teóricos e práticos sobre as mulheres negras e suas trajetórias, evidenciando os efeitos negativos das sobreposições de raça, classe e gênero, ainda na década de 1980. Além de Gonzalez, a socióloga Sueli Carneiro destaca-se por seus estudos para e sobre as mulheres, apontando a invisibilização e articulação de marcadores sociais nas experiências de mulheres negras, além de sinalizar a necessidade de enegrecer⁹ o feminismo no contexto brasileiro.

⁹ Conceito formulado por Sueli Carneiro (2003, p. 118) “Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais”.

Inspirada pelos ideais do movimento¹⁰ de mulheres negras, entendemos que o uso de uma abordagem interseccional, comprometida com a luta contra a opressão de gênero, raça, classe, sexualidade, cisheteropatriarcal é importante para visibilizar as mulheres negras e ecoarem suas vozes (DAVIS, 2017). Além disso, quanto mais se difundem os estudos interseccionais nos meios acadêmicos e políticos, maiores são os ganhos para a constituição de uma sociedade de igualdade.

Como se observa, tanto a crítica feminista quanto a decolonial têm se ocupado com a produção de novas subjetividades e de um maior empoderamento para aqueles que tradicionalmente ocuparam posições subalternas nas sociedades ocidentais. Nesse sentido, a releitura de Toni Morrison em *Pérola Negra* insere-se em um grupo crescente de interesses pela função da narrativa na consolidação de um espaço que permita revisão, reconstrução e “intervenção criativa” (BHABHA, 1994, p. 3) nos textos canônicos da literatura e da história.

No caso específico do sujeito subalterno feminino negro, a colisão de estruturas do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado faz com que repetidas vezes mulheres negras sejam atingidas pelos aparatos colonais modernos, posto que além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, o movimento negro falha pelo caráter machista, que se volta apenas ao movimento do homem negro (AKOTIRENE, 2018). Isso explica os “verdadeiros” atores sociais serem os sujeitos masculinos brancos, como analisa Patricia Hill Collins:

O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo branco masculino. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos (COLLINS, 2016, p. 105).

Voltando à análise do livro, um dos principais dilemas que podemos observar através das relações sociais de Jadine é o preconceito entre os personagens, que ocorre não exatamente entre o branco e o negro, mas entre os próprios personagens negros da

¹⁰ O Combahee River Collective, criado em 1977, em Boston, foi um movimento de mulheres negras envolvidas com a definição de uma política própria, comprometidas com luta contra diversas opressões. Vale ressaltar que este movimento não surgiu nas academias, mas vem se consolidando como importante base de análises no meio acadêmico.

história. Isto porque é possível perceber ao longo do romance, que as relações entre os personagens gradualmente se ampliam em torno de diálogos/questões que envolvem a busca pelo o que seria a verdadeira identidade negra. Uma das conseqüências mais notáveis resultantes desse duelo identitário aparece quando Jadine reflete sobre o que é a verdadeira cultura negra, o que a faz entrar em conflito consigo mesma sobre sua identidade racial. Jadine sentia-se obscena ao ser observada pela negra Rosa, como é possível compreender das palavras da personagem:

“[...] nunca nenhum homem a havia feito sentir sua nudez daquela forma. Amantes, médicos, artistas, nenhum deles nunca a fizera sentir-se tão exposta. Mais do que exposta: obscena [...] Rosa a fizera sentir-se uma vagabunda” (MORRISON, p. 307-308).

No entanto, no decorrer da história, Jadine percebe sua “inautenticidade negra” quando chega em Eloe, cidade natal do seu namorado “do Sul negro dos Estados Unidos”, e entende que não é possível ser ligada apenas aos costumes de uma sociedade autenticamente negra. Outro traço que merece destaque na relação entre os personagens negros de Pérola Negra, é a constante divergência entre os mesmos sobre a concepção de identidade negra. Jadine representa a cultura negra atravessada pela cultura branca, devido seu status como modelo e estilo de vida mimado que leva com os Streets.

Son, completamente o oposto de Jadine, representa a natureza “fiel” de sua raça. Em vários momentos é possível entender essas diferenças raciais. Por exemplo, trabalhando e vivendo em Paris, Jadine às vezes sente que não a vêem como uma pessoa, mas como uma mulher negra. Nestes momentos, afirma que queria “ sair de dentro da minha pele e ser somente uma pessoa, eu mesma, não de uma americana, uma negra, apenas eu, um ser humano?” (MORRISON, 1987, p. 59)

Em conflito com o que constitui a brancura e a negritude, Jadine não quer ser categorizada como branca nem negra, mas como seu eu singular completamente separado das pressões da denominação racial. Quando retornam à Nova York, as disparidades raciais entre Jadine e Son se tornam ainda mais evidentes. Ele é um homem de uma raça só, negra, sulista; ela, uma mulher de duas raças misturadas. Son a critica várias vezes porque toda a educação formal que recebeu não a preparou para entendê-lo. “O que eles lhe ensinaram a meu respeito? (...) Disseram o que eu tinha no coração?” (MORRISON, 1987, p. 319). Ela reage reafirmando, “[...] eu estava na escola. Estava aprendendo a viver neste mundo. Neste mundo em que vivemos, e não no

que está dentro de sua cabeça.” (MORRISON, 1987, p. 318). Enfatizando que não deseja viver no passado, mas viver melhor, Jadine volta à casa no Caribe onde os Streets e os Childs – suas duas famílias – elaboram momentos de convivência harmoniosa.

Morrison utiliza assim, a estratégia de reescrita para mostrar uma outra versão para *The Tempest*. Ao tempo em que demonstra como William Shakespeare trazia consigo uma visão de sua época em que o negro figurava como um selvagem, apresenta reflexões sobre as raízes do preconceito contra o negro, que estão cravadas não somente na cultura branca, mas entre os próprios negros, que não reconhecem aqueles que se fundam à cultura branca, do colonizador.

Jadine que ficou presa entre a cultura branca e a cultura negra, nos permite refletir ainda, sobre a falta de liberdade de que dispõem as mulheres negras para decidirem seu próprio destino, pois personifica uma vida “apagada” pelo imperialismo inglês, e pela dominação masculina reproduzida no machismo do homem negro Son. Sobre esse aspecto, Spivak (2010, p.119) considera urgente entender que:

Entre o patriarcado e o imperialismo a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da mulher do Terceiro Mundo, encurralada entre a tradição e a modernização.

Ao ser questionada com relação ao seu sentimento de pertencimento com relação à família branca que a educou, Jadine argumenta com Son:

Você acha que agora valeria a pena roubar?
Não sei... Vai depender do que você está pretendendo conosco.
Conosco? Você está se chamando de *conosco*?
Claro. Eu vivo aqui.
Mas você... você não é um membro da família. Quero dizer, você não pertence a ninguém daqui, não é?
Eu pertencço a mim. Mas vivo aqui. Eu trabalho para Margaret Street. Valerian e ela são... meus protetores. Sabe o que isso significa?
”(MORRISON, 1987, p. 146).

Em outra passagem do livro, a personagem demonstra não se conformar com a maneira que Son a trata por ser uma mulher negra, como fica claro na conversa entre eles:

Violentar?... Por que será que todas as meninas brancas vivem pensando que vão ser violentadas por alguém?
Branca? – Ela chegou a engasgar de ódio. – Eu não sou... Você sabe muito bem que não sou branca! ...se pensa que vai escapar depois de me dizer como uma negra deve ou não ser, está muito enganado... Só por que é negro pensa

que pode mandar em mim? (MORRISON, 1987, p. 149)

O trecho mostra bem uma assimilação de valores engendrados pelo patriarcado e que serviram de processo doutrinário em prejuízo da mulher, fato que se agrega aos discursos racistas com relação à mulher negra.

Nessa perspectiva, as ideias de Frantz Fanon em *A mulher de cor e o homem branco* (capítulo do livro *Pele negra. Máscaras Brancas* de 2008), são exemplares. No romance autobiográfico de *Je suis Martiniquaise* o autor apresenta a seguinte passagem: “Gostaria de ter me casado, mas com um branco. Só que uma mulher de cor nunca é realmente respeitável aos olhos de um branco. Mesmo se ele a ama. Eu sabia disso” — temos o direito de ficar preocupados. (FANON, 2008, p. 53)

Fanon atribui a mesma visão ao homem negro que busca incessantemente relacionar-se com uma mulher branca como forma de adquirir sua brancura. Tanto em Fanon, quanto em Morrison, o histórico de inferioridade imposta ao negro aparece na busca da brancura como parte essencial para a aceitação social, “a máscara a ser posta”. A acusação de Son para Jadine também nos leva a dialogar com Carneiro (2013, p.1), quando diz que “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas [...], porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”. Também com bell hooks, quando sintetiza esse drama colocando que:

Como grupo, as mulheres negras estão numa posição peculiar na sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional, mas também porque o nosso status social é inferior ao de qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe. Ao mesmo tempo, somos um grupo que não foi instituído socialmente para assumir o papel de explorador/opressor, na medida em que não nos foi concedido nenhum “outro” institucionalizado que pudéssemos explorar ou oprimir (...). Mulheres brancas e homens negros dispõem de dois caminhos. Podem agir como opressores e podem ser oprimidos. Homens negros podem ser vitimizados pelo racismo, mas o sexismo os autoriza a agir como exploradores e opressores de mulheres. Mulheres brancas podem ser vitimadas pelo sexismo, mas o racismo lhes faculta agir como exploradoras e opressoras de pessoas negras (hooks, 2019, p. 45-46).

Michael, o filho branco de Valerian e Margaret, também acha que Jadine se vendeu e é uma mulher negra fora de alcance de suas antigas raízes. Ele a acusa de abraçar os valores e a cultura branca. Para ele, os valores brancos incluem querer ir em

frente, participar da sociedade de consumo e permanecer por fora da “real” sociedade negra.

Ele dizia que eu não deveria estar estudando história da arte naquela escola pretenciosa e sim fazer não sei o quê, me organizar politicamente, algo assim. Acusou-me de estar abandonando minha história e meu povo, imagine! [...] [...] Foi muito bom que ele tivesse provocado em mim a necessidade de avaliar meus sentimentos como negra, especialmente naquele lugar.” (MORRISON, 1987, p. 90-92)

O drama de Jadine pode ser inserido nas concepções de bell hooks (2019) quando fala sobre as punições sofridas pelos pais e até mesmo a censura e o silenciamento feita pelas próprias comunidades negras. Afirmando não ter escolha, a autora fala da necessidade de lutar, resistir e até mesmo emergir desse contexto de opressão. Nesse entendimento, Jadine personifica a mulher moderna, que rejeita o papel tradicional exigido das mulheres negras. Ela tenta, a todo custo, enfatizar seu objetivo pessoal como uma mulher moderna fruto do cruzamento de culturas inter-raciais, indo além das fronteiras, como vemos na passagem excerto abaixo,

“– Não posso deixar que você me machuque de novo. Se quiser, continue preso a sua escravidão medieval. Mas fique sozinho. Não me peça para ficar com você. Não vou ficar. Não podemos fazer nada com o passado, a não ser tentar melhorar nossa vida. É isso que estou tentando que você faça. É a única esperança que há para nós: vencer. Progredir. Mas você só quer falar em bebês. Você não sabe esquecer o passado e melhorar.” (MORRISON, 2019, p. 326)

Destaca-se ainda que a própria noção de lar é modificada com a experiência da descolonização e que, de acordo com bell hooks, “o lar não é mais apenas um lugar, são locais.” Nesse processo, trata-se de aceitar a fragmentação como parte de um novo modelo de identidade mundial, sabendo de onde viemos, onde estamos e o que podemos nos tornar e isso tudo não exige um esquecimento ou negação de suas origens. (hooks, 2019, p. 36)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tensões de raça, gênero e classe se reúnem em *Pérola Negra* na luta de Jadine entre a vida ocidental materialista que leva, e a vida mística (ancestral) de sua terra que a confronta continuamente após a chegada do Son. A personagem se recusa à cultura

negra autêntica, e por isso, a cultura negra a rejeita. Son a chama de Marie-Therese Foucault, uma garota branca, Gideon a chama de “yalla” e a mulher de amarelo cospe em sua direção. Um tempo depois, Jadine é atormentada por pesadelos sendo atacada por representações de mulheres negras.

Presas no limbo entre o mundo Negro e o Branco, Jadine anseia por sua liberdade, mas ela não tem um passado unívoco para se basear que a faça se integrar à cultura negra e nem com ela mesma, no “mundo branco”. Sua falta de direção cria uma insegurança avassaladora em seu senso de identidade, e o fato de está tão presa às noções de identidade, feminilidade e beleza ditadas por padrões eurocêntricos, não consegue alcançar a tal identidade autêntica.

Dessa maneira, através da personagem Jadine, Toni Morrison aborda os possíveis atormentos que o peso de uma autêntica “identidade” africana, não corrompida pela cultura eurocentrista, pode imprimir em pessoas negras. No conflito em que se constitui a branquidão e a negritude, Jadine não quer ser categorizada como branca nem negra, mas como seu eu singular completamente separado das pressões da denominação racial e feminina. Disso, depreende-se que não há uma identidade feminina negra homogênea, ainda que os efeitos identitários do processos de colonização e de escravização tenham estabelecido tais parâmetros.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019.

EVERY, Alisson F. "Let Loose the Dogs": Messiness and Ethical Wrangling in Toni Morrison's *Tar Baby*. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/author/F.-Avery/52555385>

BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

BAKER, Houston A. Jr. *Modernism and the Harlem Renaissance*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

BEAULIEU, Elizabeth Ann, ed. *The Toni Morrison encyclopedia*. Greenwood Press, London, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Racismos contemporâneos*. Rio de

Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectivas de mulheres negras brasileiras*. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador/BA, 383p. 2012.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: *Revista Sociedade e Estado*, vol. 31, nº 1, janeiro/abril, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. In: *Parágrafo*, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. tradução Jamille Pinheiro Dias. – 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*. v. 10. n. 1. p. 171-188. Florianópolis, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. P.7 -16. Disponível <https://bit.ly/25YkehZ>. Acesso em 01 de maio de 2020.

DAVIS, Angela (1944). *Mulheres, cultura e política*. Trad. Heci Regina Candiani. 1º Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela (1944). *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. *Pele Negra. Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

GATES, Henry L. *The signifying monkey: A theory of African-American literary criticism*. Oxford:Oxford University Press, 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. (Org) Flavia Rios; Márcia Lima. 1ª Ed. – Rio de Janeiro, editora Zahar, 1989.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. – 2º ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MARTINS, José Endoença. Metáforas identitárias e significações Afro-Americanas na ficção de Toni Morrison. In: *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. Blumenau, v. 1, n. 1, p. 73 - 85, jan./abr. 2007.

MBALIA, Doreatha D. *Toni Morrison's developing class consciousness*. 2nd ed. Associated University Presses – Library of Congress Cataloging, 2010.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. De porqué es necesario un feminismo descolonial: diferenciación, dominación co-constitutiva de la modernidad occidental y el fin de la política de identidad. In: *Solar*, 2012. Disponível em: <http://revistasolar.org/wp-content/uploads/2017/07/9-De-por-qu%C3%A9-es-necesario-un-feminismo-descolonial...Yuderkys-Espinosa-Mi%C3%B1oso.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2020.

MORRISON, Toni. *Pérola Negra*. São Paulo: Best Seller, 1987.

MORRISON, Toni. *Tar Baby*. New York: Knopf, 1981.

SHAKESPEARE, William. *A Tempestade (The Tempest)*. Tradução Rafael Raffaelli. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

SILVA; Luciana de Mesquita; SILVA; Luciana de Mesquita. A escrita de Toni Morrison em tradução no Brasil: questões sobre ética em foco. In: *XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética*, de 18 a 22 de julho de 2011 UFPR – Curitiba, Brasil. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0480-1.pdf> Último acesso em: 20 de agosto de 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

XAVIER, Giovana. *Você pode substituir mulheres negras como objetos de estudo por mulheres contando sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

WEST, C. “The Dilemma of the Black Intellectual”. In: *Cornel West Keeping Faith: Philosophy and Race in America*. London: Routledge, 1993, p. 67-85.